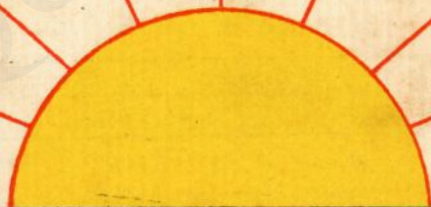


*Boletim do Militante* **MPLA**

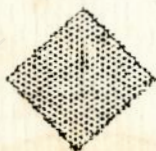


Nº 3

**ANGOLA**

# INDICE

NOVOS CAMINHOS .....	3
CONHECE A TUA PÁTRIA .....	4
PARA TI GUERRILHEIRO ! .....	6
A PROPAGANDA INIMIGA NÃO CONVINCE NINGUÉM .....	15
O PAPEL DA MULHER NA REVOLUÇÃO ANGOLANA .....	19
SOBRE " O CONSCIENCISMO " .....	20
DEBATE .....	23
DICIONÁRIO DE TERMOS POLÍTICOS .....	27
MARCHA DO M.P.L.A. ....	28



COLABORA NA CAMPANHA DE VIVERES E CIGARROS PARA OS GUERRILHEIROS!

boletim do militante do mpla n.º 4  
31 de setembro de 1964

## NOVOS CAMINHOS

Alguém escreveu um dia que "sem doutrina revolucionária não há movimento revolucionário".

Desde a sua formação o MPLA afirmou-se sempre como um movimento revolucionário. Apesar do terror que certas palavras provocam em espíritos menos esclarecidos, o MPLA definiu concretamente os princípios em que baseava a luta que tinha empreendido pela Independência da Pátria.

Essa Independência viu-a o MPLA não como o objectivo supremo, mas como o instrumento indispensável para satisfazer as mais legítimas aspirações de um Povo sedento de Justiça Social, de Felicidade e de Paz.

É sobre esta base que assentam os princípios revolucionários do MPLA, cuja experiência de luta o levou a determinar o método mais eficaz - a luta armada - para liquidar definitivamente todas as manifestações do colonialismo em Angola.

Tal método não é universal, quer dizer, tal método não resolve todas as situações coloniais que há no mundo. Muitas delas foram resolvidas pacificamente, umas vezes por simples referendo (caso da República da Guiné), outras por longas e pacientes negociações entre oprimidos e opressores.

A atitude dos opressores do Povo angolano perante o problema da independência colocou-nos perante a única via possível - a da luta armada - que a experiência nos mostrou que será longa e difícil.

Para a vencermos não bastarão homens decididos e armas. A aparente fraqueza do inimigo é compensada com uma prática longa de vida colonial, e nesse aspecto o colonialismo português leva a palma a todos os outros colonialismos.

Para extirparmos definitivamente do seio das nossas populações o terror que lhes inspira a autoridade colonial e que os inibe de tomarem uma parte mais activa na luta de libertação nacional, devemos aumentar a nossa consciência revolucionária, quer pelo estudo teórico das experiências dos outros povos, quer por uma prá

tica revolucionária constante , em permanente contacto com as massas e com os seus problemas.

É por essa razão que o BOLETIM DO MILITANTE passará a ser de ora em diante o órgão de formação revolucionária do Movimento . O BOLETIM DO MILITANTE será ao mesmo tempo um elo entre todos os militantes do MPLA, uma tribuna onde os problemas de organização serão debatidos e um guia para a acção revolucionária.

Cabe-nos, aos militantes do MPLA, enriquecê-lo com as nossas experiências , com o debate sobre os nossos problemas e com a discussão sobre o seu conteúdo que deveremos levar às massas ainda analfabetas do nosso País.

Da nossa contribuição pequenina para o dia a dia do Boletim brotarão os elementos que fecundarão os princípios revolucionários que nos orientam e darão corpo à doutrina revolucionária que assegura o triunfo da REVOLUÇÃO ANGOLANA.

-----

CONHECE A TUA PÁTRIA :

- DEFENDÊ-LA-ÁS COM MAIS ENTUSIASMO !

#### COROGRAFIA

Área - 1 246 700 km<sup>2</sup> ( sendo 7 680 km<sup>2</sup> do Distrito de Cabinda ).

Fronteiras - Oceano Atlântico - 1 650 km  
Terrestre - 4 837 km

Angola é 14 vezes e meia maior que Portugal , e mais vasta que as superfícies reunidas da França, Inglaterra, Itália e Alemanha Federal.

Montes principais - Kimbunda (1 092m), Mucaba (1 260m)  
Uije (1 230m), Kigangulama (1 131m)

Kinkem (1 043m), Gongga (1 062m), Kilezo (1 262m), Che-

----- CONHECE A TUA PATRIA (Continuação)

la (2 350 m) , Ulombo (2 148 m) , Mepo (2 583 m), Moco (2 620m), Golungo (2 277m), Valde (2 478m), Kepo (2 433m) Namba (2 420m), Veva (2 524m), Babe (2 021m), Lubanganda (1 918m).

Rios principais - que nascem e desaguam em Angola - MBRIGE, LOGE, DANDE, BENGO, CUANZA, CUVO ou KEVÊ, CATUMBELA, COPOROLO, CUNENE.

- que nascem no estrangeiro e desaguam em Angola - TSHILULUNGO e ZAIRE.

- que nascem em Angola e desaguam no estrangeiro - CUBANGO, CUANDO, CASSAI, CUANGO.

Lagos e lagoas - PANGUILA; BULO e KIZUA (Concelho de Luanda); KILUNDA; LALAMA; BANDA; CAS-SACO; KAMBALA; GOLUNGO e CAMBEMBA (Concelho de Icolo e Bengo); MASSABI (Concelho de Cacongo); KIPEMBE; CATETE e CAMBONDE (Na circunscrição de Songo e Malange); DILOLO (No concelho de Dilolo); LAGOA DOS CAVALOS MARINHOS (Concelho de Lubango); QUELI (Concelho do Baixo Cunene) LAGOA DOS ARCOS (Concelho de Porto Alexandre).

Portos marítimos - LANDANA (ponte-cais) ; MALEMBO; CABINDA (ponte-cais) ; NOQUI (ponte-cais); Sto ANTONIO DO ZAIRE; AMBRIZETE; AMBRIZ; LUANDA (Testa do Caminho de Ferro de Luanda, Gare marítima, cais acostável 860m; superfície ancorável 887 ha); PORTO AMBOIM (ponte-cais); NOVO REDONDO (ponte-cais); LOBITO (Testa do Caminho de Ferro de Benguela, cais acostável 1 124 m, Superfície ancorável 429 ha) ; BENGUELA (ponte-cais); CUIO; BAÍA DOS ELEFANTES; LUCIRA; MOÇÂMEDES (Testa do Caminho de Ferro de Moçâmedes, Cais acostável 380 m, superfície ancorável 399 ha) ; PORTO ALEXANDRE ; BAÍA DOS TIGRES (Tem uma superfície ancorável de 33 163 ha, sendo o maior porto da costa e um dos mais vastos de África).

- A continuar -

"As ideias não se impõem pela força, mas pela convicção e pelo esclarecimento."

# PARA TI GUERRILHEIRO!

## ASPECTOS DA GUERRA DE GUERRILHAS

O MPLA é um movimento revolucionário que em face dos métodos empregues pelo inimigo, está empenhado numa verdadeira guerra de libertação nacional.

De Norte a Sul, de Leste a Oeste, o nosso Povo nunca abandonou o combate contra a opressão imposta pela ganância colonial. Ele acumulou assim uma longa experiência na luta armada.

No entanto, a fase revolucionária atravessada hoje pelo nosso Povo em luta, já não pode contentar-se nem com os métodos dos antigos, nem com o limitado objectivo de simples expulsão do ocupante. O longo cativo sofrido pelas populações angolanas, tornaram-nas sensíveis aos ideais de progresso social e reconstrução nacional. Para atingirmos esses ideais devemos estudar os métodos que permitiram aos outros povos libertarem-se e avançarem na satisfação das mais profundas aspirações populares.

Tendo sempre presentes as condições particulares em que se desenvolveu a nossa luta, nada perderemos, muito pelo contrário, se adaptarmos a experiência alheia às nossas próprias condições, em Angola.

Daremos pois regularmente excertos de escritos sobre a guerra de guerrilhas, pelos mais categorizados estrategas da guerrilha contemporânea, entre os quais Mao Tse Tung e Che Guevara.

EXCERPTOS DO ESCRITO: " Os problemas estratégicos da guerra revolucionária na China"  
- Mao Tse Tung (Dezembro 1936)

### I - COMO ESTUDAR A GUERRA

#### SECÇÃO 1 - As leis da guerra evoluem

As leis da guerra são um problema que todo aquele que dirige uma guerra deve estudar e resolver.

As leis da guerra revolucionária são um problema

que todo aquele que dirige uma guerra revolucionária deve estudar, resolver e ter sempre presente...

...Actualmente nós estamos em guerra. A nossa guerra é uma guerra revolucionária ; ela faz-se na China que é um país semi-colonial e semi-feudal. Por isso nós devemos estudar não apenas as leis da guerra em geral, como também as leis específicas da guerra revolucionária e em particular as leis específicas da guerra revolucionária na China.

Todos compreendemos facilmente que, quando nos ocupamos de uma questão qualquer, se não tomarmos em conta as condições, o carácter, ou os laços que a unem aos fenómenos que lhe são exteriores, não poderemos compreender as suas leis, ignoraremos a melhor maneira de a abordar, seremos impotentes para levar a cabo as tarefas que nos incumbem nessa questão.

A guerra começou com o aparecimento da propriedade privada e das classes, e mantém-se como o aspecto mais elevado da luta, aspecto ao qual se recorre para resolver as contradições existentes entre classes, Nações, estados, blocos políticos, numa etape determinada do desenvolvimento dessas contradições. Se não compreendermos as condições da guerra, o seu carácter, os laços que a unem aos outros fenómenos, expomo-nos e desconhecemos as leis da guerra, a melhor maneira de a conduzir, seremos incapazes de a vencer.

A guerra revolucionária, quer se trate de uma guerra revolucionária de classe ou de uma guerra revolucionária nacional, para além das condições e do carácter especiais da guerra em geral, tem as suas particularidades e é por isso que está sujeita não apenas às leis da guerra em geral, como também a toda uma série de leis particulares. Se não compreendermos as condições e o carácter particulares desta guerra, se não conhecermos as leis especiais que a regem, será impossível obtermos a vitória numa guerra revolucionária.

A guerra revolucionária na China - quer se trate de uma guerra civil ou de uma guerra nacional - desenvolve-se em condições próprias à China e, em comparação

com a guerra em geral ou a guerra revolucionária em geral, ela desenrola-se de uma maneira especial. É por isso que ela tem, além das leis da guerra em geral, uma série de leis específicas. Sem o conhecimento dessas leis é impossível obter a vitória numa guerra revolucionária na China. Por isso nós devemos estudar as leis da guerra em geral e enfim as leis da guerra revolucionária na China.

Há um ponto de vista errado, que aliás nós já rejeitamos há muito tempo, e que nos levava a estudar unicamente as leis da guerra em geral, melhor dizendo, que nos levava apenas a seguir as regras militares publicadas pelo governo reaccionário chinês ou os estabelecimentos de ensino reaccionários. Os defensores dessa teoria não sabem que estas regras representam apenas as leis da guerra em geral e que de resto elas são inteiramente copiadas do estrangeiro. Se nos metermos a aplicá-las integralmente, sem as modificar substancialmente, isto equivale a "cortar um bocado do pé para poder calçar o sapato", o que nos levará à derrota. Para justificar o seu ponto de vista, essas pessoas apresentam assim o problema: para quê renunciar a uma coisa que foi adquirida ao preço de tantos sacrifícios no passado? Eles não compreendem que, se por um lado devemos dar o justo valor às experiências adquiridas com tanto sacrifício no passado, também devemos ter em conta as experiências que temos feito agora com o nosso sangue.

...Assim as diferenças que se apresentam numa situação militar condicionam as diferenças existentes nas leis da guerra, as quais por seu lado se modificam através do tempo e segundo o lugar e o carácter da guerra.

Se falarmos por exemplo do tempo, podemos dizer que as leis da guerra e da conduta de uma guerra se desenvolvem com ele. Cada etapa histórica apresenta as suas particularidades; é por isso que as leis da guerra têm as suas particularidades em cada época. Não se



pode transpô-las mecânicamente de uma etape para outra.

Se falarmos por exemplo do carácter da guerra, podemos dizer que a guerra revolucionária tem, como a guerra contra-revolucionária, as suas particularidades; é por isso também que as suas leis apresentam certas particularidades; por isso também torna-se impossível transpor essas leis de uma guerra apresentando um certo carácter para uma outra de carácter diferente.

Tomando agora em linha de conta o sítio em que se desenrola uma guerra, cada país, cada nação, e em particular um grande país ou uma grande nação, possuem as suas particularidades e deste modo as leis da guerra em cada um desses países ou cada nação apresentam também as suas particularidades de tal modo que se torna impossível transpô-las mecânicamente de um país para outro.

No estudo das leis da condução de uma guerra em diferentes etapes históricas, no estudo das leis da condução de uma guerra levada a cabo em locais diferentes e por países diferentes, devemos olhar para as suas particularidades e para a sua evolução e lutar contra as tendências que visam à resolução mecânica de todos os problemas referentes à condução da guerra.

E isto ainda não é tudo. Tomemos o caso de um oficial: se ele deixa de comandar uma pequena unidade para passar a comandar uma grande unidade, isto significa para ele um progresso e um desenvolvimento. Comandar num único sítio é uma coisa; comandar em vários sítios é uma coisa diferente. O oficial que deixa de operar numa localidade que lhe é familiar para passar a dirigir as operações num outro sítio faz igualmente um progresso. Em face do desenvolvimento da técnica, da táctica e da estratégia, quer no campo do adversário quer no nosso campo, as condições que presidem ao prosseguimento de uma guerra nas suas diferentes etapes variam segundo essas etapes. Um oficial que se mostrou capaz de exercer um comando numa situação fácil e depois numa situação mais difícil mostrou que realizou um progresso, que se aperfeiçoou. Aquele que apenas consegue

comandar uma certa unidade num certo sítio ou num certo estado de desenvolvimento de uma guerra não faz nenhum progresso nem se aperfeiçoa. Ha pessoas muito fortes num só domínio, de visão estreita, e que nunca fazem progressos ; elas podem desempenhar um certo papel na revolução, num determinado sítio e a um determinado momento, mas não podem desempenhar grandes papeis. Nós temos necessidade de chefes militares de grande envergadura. Todas as leis da condução de uma guerra se desenvolvem segundo o curso da história e da própria guerra. No mundo nada é imutável.

In "Ecrits militaires de Mac Tse Tung", pag 83

- Continua -

EXCERPTOS DA OBRA: "A guerra de guerrilhas"  
- Che Guevara

#### ORGANIZAÇÃO DA FRENTE DE GUERRILHA

##### 1 - O abastecimento

O abastecimento correcto duma formação de guerrilha é essencial . O grupo deve poder viver dos produtos do solo, permitindo igualmente que deles vivam os camponeses que os fornecem.

O guerrilheiro não pode, na luta difícil que trava - sobretudo no princípio - produzir ele próprio seja o que fôr, particularmente se se tratar de um território acessível às colunas inimigas . A medida que se desenvolve , a formação da guerrilha deve assegurar-se de fontes de abastecimento afastadas das zonas de combate. Ao princípio viverá unicamente do que produzem os camponeses ; poderá talvez aprovisionar-se em certos centros, mas nunca constituir redes de abastecimento porque não tem ainda território onde estabelecê-las. A rede de abastecimento e o armazenamento do abastecimento são pois condicionados pelo desenvolvimento da luta.

Em primeiro lugar há que ganhar a confiança absoluta dos habitantes da zona: e esta confiança adquire-se por uma atitude positiva face aos seus problemas; ajudando-os e guiando-os constantemente, defendendo os seus interesses e castigando os que se aproveitam da desordem para desalojar os camponeses, apropriar-se das suas colheitas, emprestar a juros.

A linha deve ser ao mesmo tempo suave e dura. Suave, por uma colaboração espontânea com todos os simpatizantes honestos do movimento revolucionário; dura para com os que atacam directamente, fomentando dissensões ou comunicando informações importantes ao exército inimigo.

Pouco a pouco, a zona será controlada e poder-se-á contar com uma maior liberdade de movimento. Deve-se ter como princípio de base pagar sempre as mercadorias adquiridas aos simpatizantes: produtos da terra ou artigos comerciais. Muitas vezes são ofertas, mas as condições de vida do camponês impedem por vezes esses donativos. Pode acontecer que as necessidades da guerra obriguem a recorrer a armazéns, sem se lhes poder pagar. Nesse caso deve-se dar sempre ao comerciante um vale, um reconhecimento de dívida: os "vales de esperança". Mas vale mais utilizar este meio com pessoas que se encontrem fora dos limites do território libertado, e pagar-lhes o mais depressa possível, pelo menos em parte.

Quando as condições melhorarem suficientemente para permitir conservar permanentemente um território fora do alcance do exército inimigo, pode-se então chegar às sementeiras colectivas. Os camponeses trabalham a terra em benefício do exército de guerrilha e garantem assim uma fonte fixa de abastecimento.

Se o número de voluntários guerrilheiros fôr muito grande em relação ao número de armas e se as condições políticas impedirem esses homens de descer às zonas do minhadadas pelo inimigo, o exército rebelde pode mandar trabalhar a terra aos seus homens e a todos os incorporados, colher os produtos que garantam o abastecimento; esses voluntários preenchem as suas folhas de serviço

que servirão em seguida para a promoção ao posto de combatente. Contudo é preferível que as sementeiras sejam feitas pelos próprios camponeses, porque eles realizam o trabalho com mais entusiasmo e competência. Num estado mais avançado pode-se chegar a comprar colheitas inteiras e armazená-las para uso do exército, ao ar livre ou em armazéns, segundo a natureza dos gêneros.

Quando forem estabelecidos organismos encarregados igualmente do abastecimento da população camponesa, todos os gêneros serão aí reagrupados para operações de troca entre camponeses, por intermédio do exército rebelde.

Se as condições melhorarem ainda mais, podem-se fixar impostos : devem ser o menos pesados possíveis, sobretudo para o pequeno produtor . Deve-se acima de tudo velar pelas boas relações da classe camponesa com os guerrilheiros que dela são a emanação.

Os impostos devem ser recebidos em dinheiro ou em partes de colheitas que virão engrossar as reservas. A carne, por exemplo, é um artigo de primeira necessidade: deve-se assegurar a sua produção e conservação. Estabelecer-se-á, com a colaboração dos camponeses - aparentemente estranhos à guerrilha se a zona não é segura - quintas que criarão galinhas, cabras e porcos, comprados ou confiscados aos grandes proprietários. Nas regiões de latifúndio (grande propriedade), tem-se o hábito de possuir gado em grande quantidade. Ele pode ser abatido e salgado (ou sêco). Conservada nestas condições a carne fica própria para o consumo durante muito tempo.

O gado fornece igualmente o couro . Pode-se desenvolver uma indústria mais ou menos elementar de cortumes, que permite ter a matéria prima do calçado - acessório indispensável ao guerrilheiro. Pode-se dizer, de uma maneira geral que os alimentos indispensáveis são: a carne, o sal, alguns legumes, tubérculos ou grãos. O alimento de base é sempre produzido pelo camponês: "malanga" nas regiões montanhosas da província do Oriente (Cuba) , milho nas regiões montanhosas do México , da

América Central ou do Perú; e noutros países como a Argentina, gado; noutros sítios, trigo. De qualquer modo deve-se assegurar um abastecimento em alimentos de base para a tropa e algumas matérias gordas animais ou vegetais que permitam enriquecer a alimentação.

O sal é indispensável. Quando se está perto do mar e se pode alcançá-lo, devem imediatamente fazer-se pequenas salinas que permitam constituir uma reserva. Não esqueçamos que em zonas de montanha em que não se produz quasi nada, o cerco, empobrecendo consideravelmente a região, é fácil de realizar. É bom que a organização camponesa e as organizações civis em geral provejam esta eventualidade. É necessário que os camponeses tenham reservas de alimentação para poderem sobreviver durante os períodos mais duros da luta. Deve-se fazer tudo por constituir rapidamente armazenamento de géneros que não se estraguem, como grãos, milho, trigo, arroz, etc... farinha, sal, açúcar, conservas de todas as espécies. Devem-se igualmente fazer as sementais necessárias.

Virá o momento em que todos os problemas alimentares da zona serão resolvidos; mas uma grande quantidade de produtos continuam necessários: por exemplo o couro para o calçado (se não foi possível criar uma indústria de couro), o tecido para roupas e outros acessórios, papel, imprensa para os jornais, tintas, etc...

Quanto mais a guerrilha aperfeiçoar a sua organização, mais ela terá necessidade de artigos vindos do mundo exterior. É então necessário que a organização das linhas de abastecimento funcione perfeitamente. Essa organização faz-se essencialmente através dos camponeses simpatizantes. A sua estrutura deve ser bipolar: quer dizer, ter as suas extremidades por um lado na frente de guerrilhas e por outro nas cidades. A partir das zonas de guerrilha as linhas de abastecimento devem atravessar todo o território por onde possa passar-se material. Os camponeses acostumar-se-ão pouco a pouco ao perigo (em pequenos grupos podem fazer maravilhas) e transportarão o material para o local indicado sem correr perigo de maior. Estes transportes podem fa

zer-se de noite com mulas ou animais de carga desse tipo ; e em certas regiões podem fazer-se mesmo em camions. Pode-se assim assegurar com regularidade o abastecimento: trata-se aqui duma linha de abastecimento vindo de áreas próximas dos locais operacionais.

Há também que organizar uma linha de abastecimento vindo de áreas mais longínquas.

Além do material que não possa ser encontrado nas aldeias ou nas cidades do interior ; essas áreas devem fornecer o dinheiro para as compras. A organização viverá dos donativos directos dos simpatizantes e dará em troca vales clandestinos ; o pessoal encarregado da manipulação destes vales deve ser estritamente controlado , devendo-se exigir sérias responsabilidades sempre que sejam esquecidos os requisitos da moral, indispensáveis para estes casos. As compras podem ser pagas em dinheiro ou por meio de "vales de esperança" quando uma guerrilha , saindo da sua base de operação ameaça uma nova região. Neste caso não há outra solução senão requisitar as mercadorias dos comerciantes. O pagamento depende então da boa fé ou das possibilidades financeiras da guerrilha.

Todas as linhas de abastecimento que passam pelo mato necessitam de ter uma série de pontos de apoio ou de "terminus" estabelecidos em casas particulares onde seja possível esconder as provisões durante o dia para continuarem o seu trajecto na noite seguinte. Essas casas só devem ser conhecidas dos responsáveis directos do abastecimento. Mesmo os seus habitantes devem saber o menos possível sobre esses transportes e serem pessoas que inspirem a maior confiança à organização.

.....

Se todas estas condições forem cumpridas , se houver uma organização sólida , e se os guerrilheiros mantiverem as melhores relações possíveis com as populações, o abastecimento será garantido e duradouro.

In "LA GUERRE DE GUERRILLA" de Che Guevara  
Cap.III, nº1 - pag.123

# A PROPAGANDA INIMIGA

## JÁ NÃO CONVINCE NINGUEM

O Ministro português dos negócios estrangeiros fez recentemente uma longa exposição à imprensa de Luanda, em que tentou demonstrar que "estava sendo compreendida, embora ainda não inteiramente aceite nos meios internacionais, a permanência de Portugal em África". Manifestando depois a esperança que em breve ela viria a ser aceite, e predizendo as piores desgraças para os nacionalistas combatentes que perderiam o apoio internacional, e com ele o apoio material e financeiro, o Ministro colonialista levou a sua fantasia propagandística a ponto de citar uma súplica que lhe teria sido dirigida por um "colega" africano nos corredores da ONU: "Pelo amor de Deus, que o Governo português não tire nem um único soldado de Angola!". Não é difícil acreditar que alguns responsáveis africanos, que nada têm nem de "responsáveis" nem de "africanos", fossem capazes de uma tal posição bajuladora, em troca de um whisky no bar da ONU. Mas quem conhece o ar enfiado com que os representantes portugueses se esgueiram pelos corredores da ONU, só pode ver nesta saída do Sr. Nogueira, a preocupação do seu governo em elevar o moral abalado dos colonos em Angola. Foi esta aliás a única razão que o levou a deixar por algum tempo as suas ocupações habituais e a descer até Angola.

A situação não se apresenta porêl para Portugal com o aspecto brilhante que o Sr. Nogueira - que continua a tremor cada vez que houve falar nos "ventos da história" - mostrou.

O nacionalismo angolano atravessou sem dúvida uma ligeira crise, por causas várias, internas e externas, mas sobretudo pela razão fundamental de querer o imperialismo impedir o fluxo revolucionário que crescia no seio do nacionalismo angolano. Essa crise, que foi ao mesmo tempo uma "crise de crescimento", permitiu aos dirigentes colonialistas portugueses saírem por algum tempo do espírito derrotista em que eles próprios se deba

tiam e desafiarem a condenação internacional massiva que os atingiu . Aqueles a quem interessou deixarem-se embalar pelo optimismo insuflado pelas esferas dirigentes de Portugal, não tiveram o cuidado de se perguntar se a crise que atravessara o colonialismo tinha , por exemplo, chegado à desmobilização do Povo que, nas matas , indiferente a todos os sacrifícios, continuava a desafiar em embuscadas permanentes a tropa colonialista . Se tivessem tido esse cuidado , seriam levados a concluir que a chama do 4 de Fevereiro continuava a arder e não se apagaria enquanto existisse sobre o solo angolano o menor vestígio de dominação colonial.

Essa certeza não abandonou os militantes do MPLA, mesmo durante as horas mais difíceis. Quando o peso da máquina imperialista que fazia marchar o governo de Adoula e a clique de Holden caiu sobre o MPLA , quando o oportunismo dos Viriatos e Matias os levou a implorar à UPA a entrada na sua "frente" , procurando assim agravar os resultados do complot que visava o MPLA (jogo que Holden só aceitou quando, nove meses depois, se viu a braços com denúncias cegatéricas dos seus militantes sobre a mentira e os métodos desonestos da luta que dizia fazer), quando alguns militantes menos firmes abandonaram o MPLA, mesmo nesses momentos nunca o MPLA deixou de brandir as suas armas contra o colonialismo português, com a certeza da vitória do seu combate.

Quando a maioria dos amigos do MPLA , acreditando nas calúnias que os inimigos nos levantavam, tomou uma atitude reservada em relação ao nosso Movimento e passou mesmo a namorar a clique Holden , quando uma certa "oposição portuguesa", caindo na senda do oportunismo, passou a entoar hinos de homenagem a essa mesma clique e a colaborar directa e indirectamente nas calúnias contra os dirigentes do MPLA , quando em consequência de todos estes acontecimentos o MPLA se viu sózinho na luta gigantesca que estava a travar, ainda nesse momento o MPLA não pôs em dúvida aquilo que os factos lhe revelavam: o Povo continuava firmemente decidido a intensificar o combate para liquidar definitivamente a opressão , para reconstruir a sua felicidade, mais não



lhe sendo preciso que um Movimento revolucionário, para o conduzir à Vitória.

O Sr. Nogueira não deve ignorar estas verdades, até porque o Sr. Nogueira é dos raros dirigentes portugueses que tem oportunidade de tomar o pulso da complexa situação do fenómeno colonial português. Ele sabe que perante a actual situação internacional, a dominação colonial portuguesa pode aguentar um pouco mais, mas sabe também que o mecanismo de uma guerra de libertação não para a maior caninhão, e que o seu País não poderá manter-se onde países poderosos como uma França e uma Inglaterra tombaram.

O à-vontade com que o Sr. Nogueira tentou demonstrar ao seu auditório em Luanda (composto principalmente de grandes financeiros portugueses que exploram o nosso País) que o centenário da chamada Associação Comercial de Luanda, constituía um "fenómeno denso" porque era ao mesmo tempo um "fenómeno histórico", um "fenómeno de aculturação" e um "fenómeno de fé", faz sorrir todos aqueles que estão a ver o ministro português, congestionado, suando por todos os poros, a dizer as mesmas babozeiras nas Assembleias Gerais da ONU e noutros meios internacionais, ridicularizado por aqueles que o escutam e que conhecem de longa data o vazio de todos esses mitos.

O MPLA, bem apoiado pela acção dos seus militantes, soube vencer um período difícil, voltou a intensificar a acção de guerrilha com meios técnicos que desmoralizam o inimigo e está preparado para vencer os muitos períodos difíceis que ainda terá de atravessar.

Hoje mais do que nunca, estribado numa acção metódica de guerrilha, após ter infligido ao inimigo alguns golpes rudes, quer pela sua violência, quer pela desmoralização causada na soldadesca inimiga, o MPLA reforçará a sua luta, dentro da linha progressista que sempre proclamou e defendeu.

Poderão o Sr. Nogueira e aqueles cujos interesses ele defende, conjecturar sobre todos os mitos e realidades que envolvem o problema angolano. Poderão os Hol

dens, os seus protectores USA e os seus novos associados continuar a estabelecer planos de liquidação do MPLA, poderão outros Adoula's ressuscitar. Nada impedirá a marcha invencível do nosso Povo para a Independência e para a Construção nacionalis.

A situação revolucionária mundial que hoje atravessamos não comporta mais os mitos de que se têm servido os inimigos do nosso Povo, para justificar os seus crimes.

Ten razão o Sr. Nogueira em rezear muito mais a desmoralização que atinge todos os sectores colonialistas de Angola, do que os já tradicionais ataques que o seu País suporta nos meios internacionais.

É que essa "dúvida capciosa" que faz perigar a "continuidade" de Portugal, não é mais uma dúvida; é uma certeza, a certeza de que a "coisa" não está por muito tempo; de que, apesar do apoio da OTAN, e de todos aqueles que o fazem para aproveitar o que fôr possível dos territórios ainda sob dominação portuguesa, o Povo angolano não recuará.

A firme determinação de viver Livre e Independente e de lutar com todas as forças para alcançar este objectivo é por si só uma grande vitória da Revolução.

O dever de um revolucionário é conquistar; o dever de um revolucionário é ganhar; o dever de um revolucionário é persuadir; fortalecer incessantemente a Revolução e não debilitá-la incessantemente; há pessoas que têm maneiras tão odiosas de actuar, que só conseguem fazer inimigos da Revolução e, ao mesmo tempo, transformar em seus amigos, os inimigos da Revolução.

FIDEL CASTRO

# O PAPEL DA MULHER

## NA REVOLUÇÃO ANGOLANA

Os membros da OMA, militantes do MPLA, têm dado a esta Organização uma contribuição positiva, mas a luta exige muito mais de cada uma de nós, mulheres angolanas. À medida que a luta se vai desenvolvendo e avançando, surgem novas fases que implicam novas tarefas da parte de todos os militantes - homens e mulheres. Cada militante renova o seu esforço, firmeza, combatividade e iniciativa para encarar todos os aspectos da nossa vida militar, política, económica e ultrapassar os momentos difíceis.

Nós, mulheres angolanas, não podemos convencer-nos de que o facto de sermos mulheres condiciona ou impossibilita a nossa participação activa e directa na luta de libertação do nosso País. Na Argélia, em Cuba, no Vietnã, por exemplo, as mulheres provaram bem que são capazes de fazer os trabalhos mais difíceis e de combater ao lado dos homens. Além da participação militar, há inúmeras tarefas na Revolução que a mulher angolana pode realizar: servir de elemento de ligação entre os nossos guerrilheiros, principalmente no interior de Angola; fornecer e preparar o alimento para as nossas forças combatentes; ocupar-se da saúde, educação escolar e do equilíbrio moral tanto na comunidade como no maquis; confeccionar e consertar o vestuário das nossas forças combatentes, etc.

Para realizar estas tarefas é necessária uma formação revolucionária da mulher, para estar bem consciente dos objectivos a atingir.

Nas sanzalas ao longo da fronteira, as nossas crianças estão sem escola e, como toda a população refugiada, precisam de assistência social (alimentos, roupa, medicamentos). No interior de Angola há mulheres cujos maridos foram arrancados das suas casas pelo mal dito contrato ou pelos mais variados pretextos - desde a falta de pagamento de imposto até aos pretextos da PIDE - tendo elas ficado com o pesado encargo de man-

ter a família.

Esta situação é causada pelo regime colonial em que o nosso País ainda é forçado a viver. Quer no exterior, quer no interior, compete à mulher encontrar solução para estes problemas, acompanhando o homem na sua luta pela libertação nacional em todos os seus aspectos.

Membros da OMA, a acção directa da mulher angolana na Revolução é um passo decisivo na conquista do lugar a que tem direito na sociedade da futura Angola independente.

MÃES, ESPOSAS, NOIVAS e IRMÃS de ANGOLA !  
A REVOLUÇÃO PRECISA DO VOSSO ESFORÇO !

---

## SOBRE "O CONCIENCISMO"

Uma REVOLUÇÃO é um processo complexo que exige em cada momento uma profunda reflexão sobre os fenómenos que a antecederam, sobre aqueles que com ela se desenvolvem e sobre os que ela ocasionará.

O desenvolvimento do processo revolucionário africano já deu origem a que grandes pensadores africanos e outros esboçassem algumas teorias que constituem no todo ou em parte uma reserva fundamental do pensamento filosófico africano.

A condição de dominado impediu, porém, e durante muito tempo, que o pensamento filosófico africano desabrochasse sem influência estranha.

Não será ousado afirmar que pertence ao Dr. Kwame Nkrumah, Presidente da República do Ghana, a tentativa mais séria no sentido de dar ao PENSAMENTO AFRICANO o lugar de destaque que lhe compete. Após ligeiras tentativas de um esboço deste problema, expressas nos livros "Em marcha para a Libertação africana" e "A África de-

ve unir-se", o Presidente Nkrumah condensou os seus princípios doutrinários numa obra a que chamou "O CONSCIENCISMO - Filosofia e ideologia para a descolonização e o desenvolvimento".

É cedo ainda para um juízo objectivo sobre o alcance e a extensão das concepções e dos princípios enunciados em "O CONSCIENCISMO". Desde já, porém, ele reflecte um pensamento maduro sobre os problemas actuais do Mundo e de África, as contradições entre o imperialismo e a luta pela libertação nacional e pela prosperidade dos povos, constituindo também uma chave que abre novos horizontes ao Pensamento da Humanidade.

Todo o militante da libertação africana se deve debruçar sobre o conteúdo de "O CONSCIENCISMO", e reflectir sobre a sua contribuição à luta difícil em que estão empenhados os Povos do nosso continente.

Está em projecto um debate entre os militantes do MPLA, acerca dos problemas levantados pela obra do Presidente Nkrumah - "O CONSCIENCISMO".

Da tradução francesa dessa obra, "LE CONSCIENCISME" editado por Payot, 1964, traduzimos o seguinte extracto que inicia o 4º capítulo:

### O C O N S C I E N C I S M O

A PRÁTICA SEM TEORIA É CEGA ; A TEORIA SEM PRÁTICA É ESTÉRIL. AS TRÊS FRACÇÕES DA SOCIEDADE AFRICANA QUE MENCIONEI NO CAPÍTULO PRECEDENTE (TRADICIONALISTA, OCIDENTAL E MUÇULMANA) COEXISTEM DIFÍCILMENTE: OS PRINCÍPIOS EM QUE SE BASEIAM ENTRAM MUITAS VEZES EM CONTRADIÇÃO. A TÍTULO DE EXEMPLO, TENTEI DEMONSTRAR QUE OS PRINCÍPIOS DO CAPITALISMO OCIDENTAL ESTÃO EM CONFLITO COM O IGUALITARISMO SOCIALISTA DA SOCIEDADE AFRICANA TRADICIONAL.

QUE FAZER ENTÃO ? INSISTI QUE ÀS DUAS OUTRAS FRACÇÕES DEVEM, SE SE QUIZER TER UMA OPINIÃO CORRECTA, NÃO SER CONSIDERADAS SENÃO COMO EXPERIÊNCIAS DA SOCIEDADE AFRICANA TRADICIONAL. SE ESQUECERMOS ISSO, A NOSSA SOCIEDADE VER-SE-Á ATINGIDA PELA MAIS MALIGNA DAS ESQUIZOFRENIAS.

A NOSSA ATITUDE PARA COM A EXPERIÊNCIA OCIDENTAL E MUÇULMANA DEVE SER GUIADA POR UM PENSAMENTO, PORQUE A PRÁTICA SEM TEORIA É CEGA. AQUILO DE QUE NECESSITAMOS EM PRIMEIRO LUGAR É DE UM CORPO COERENTE DE DOCTRINAS QUE DETERMINARÁ A NATUREZA GERAL DA NOSSA ACÇÃO PELA UNIFICAÇÃO DA SOCIEDADE DE QUE SOMOS HERDEIROS - DEVENDO TAL UNIFICAÇÃO TER CONSTANTEMENTE EM CONSIDERAÇÃO O ELEVADO IDEAL QUE ESTÁ NA BASE DA SOCIEDADE AFRICANA TRADICIONAL. A REVOLUÇÃO SOCIAL DEVE PORTANTO APOIAR-SE FIRMEMENTE SOBRE UMA REVOLUÇÃO INTELECTUAL, NA QUAL O NOSSO PENSAMENTO E A NOSSA FILOSOFIA ESTEJAM ORIENTADOS PARA UM RENASCIMENTO DA NOSSA SOCIEDADE. A NOSSA FILOSOFIA DEVE ENCONTRAR AS SUAS ARMAS NO MEIO E NAS CONDIÇÕES DE VIDA DO POVO AFRICANO. SÓ A PARTIR DESSAS CONDIÇÕES DEVERÁ SER CRIADO O CONTEÚDO INTELECTUAL DA NOSSA FILOSOFIA. A EMANCIPAÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO É A EMANCIPAÇÃO DO HOMEM. ISSO IMPÕE-NOS DOIS OBJECTIVOS: PRIMEIRO, RECONSTITUIR A SOCIEDADE IGUALITÁRIA; SEGUNDO, MORTALIZAR COM ESTRATÉGIA TODAS AS NOSSAS POSSIBILIDADES COM VISTA À ESSA RECONSTITUIÇÃO.

A FILOSOFIA QUE SUSTENTARÁ ESTA REVOLUÇÃO SOCIAL É AQUELA QUE JÁ TIVE OCASIÃO DE DENOMINAR "CONSCIENCISMO FILOSÓFICO"; O "COSNCIENCISMO" É, EM TERMOS INTELECTUAIS, O CONJUNTO DA ORGANIZAÇÃO DE FORÇAS QUE PERMITIRÃO À SOCIEDADE AFRICANA ASSIMILAR OS ELEMENTOS OCIDENTAIS, MUÇULMANOS E EURO-CRISTÃOS PRESENTES EM ÁFRICA, E ADAPTÁ-LOS À PERSONALIDADE AFRICANA. ESTA FEDINE-SE ELA MESMA PELO CONJUNTO DE PRINCÍPIOS HUMANISTAS EM QUE REPOSA A SOCIEDADE AFRICANA TRADICIONAL. A FILOSOFIA CHAMADA "CONSCIENCISMO" É AQUELA QUE, PARTINDO DO ESTADO ACTUAL DA CONSCIÊNCIA AFRICANA, INDICA O MODO COMO O CONFLITO QUE AGITA ESTA CONSCIÊNCIA PODE DAR LUGAR AO PROGRESSO.

ELE FUNDAMENTA-SE NO MATERIALISMO ...

PARA TI, RESPONSÁVEL DO MPLA:

A autoridade não se impõe com a violência; ganha-se pelo prestígio, pelo exemplo, pela moral!

## DEBATE em mesa redonda...

Na história revolucionária dos nossos dias, o ESTUDANTE tem desempenhado um papel de relevo, na contribuição prestada às massas em luta. Em Angola muitos estudantes participaram na jornada heróica do 4 de Fevereiro e nas acções revolucionárias que se lhe seguiram.

As condições actuais fazem com que o MPLA tenha já enviado para o exterior algumas centenas de jovens afim de receberem uma preparação técnica que lhes possibilite participar consciencientemente na Reconstrução da futura Pátria Independente.

Para isso é necessário que os laços orgânicos entre o MPLA e os diferentes grupos de estudantes no exterior sejam reforçados de modo a que cada estudante não esqueça por um momento que é um militante revolucionário permanentemente à disposição das tarefas da Revolução, e o Movimento não deixe em cada momento de lhe prestar a assistência política que ele necessita para cumprir os seus deveres.

Nesse aspecto nem tudo tem funcionado bem e é nesse sentido que o BOLETIM DO MILITANTE insere uma apreciação crítica de um camarada estudante que acaba de regressar da Europa, onde concluiu a sua formação. As soluções apontadas serão certamente ponderadas por todos os verdadeiros militantes da organização, para procurarem fazer o que de melhor convém ao triunfo da Revolução Angolana.

### Tem a palavra um estudante do exterior...

O estudante, como jovem, é o arauto dum povo. Por isso todo o estudante honesto e devotado à causa se esforça no sentido de traduzir bem alto as aspirações e as reivindicações das massas da sua terra, sobretudo das mais oprimidas. Muitas vezes tem faltado a experiência para se levar a cabo, com mais eficácia, todo aquele trabalho, mas isso nunca quebrou ou parali-

zou o espírito decidido e determinado na elaboração da tarefa justa de que se incumbiu ; pelo contrário , foi sempre assistido por um dinamismo bem concreto nas suas realizações.

Na nossa Revolução existiu todo um processo antipolar , consequência de ambições desmedidas que então passaram a ser o ópio que muito desmoralizou a massa juvenil (no caso do estudante angolano , em consequência do culto da personalidade , do brio pessoal ou do amor próprio , criou-se um mal estar que se estendeu à Revolução Angolana).

Essas preocupações jogaram também um papel de suma importância no seio do jovem angolano. Porquê ?

Porque a fase que a Revolução Angolana atravessa ou as metamorfoses que atravessou, como a falta de coesão no seio dos partidos ou movimentos políticos ou mesmo o mal entendido no seio dum mesmo movimento, criaram um estado de espírito pernicioso.

Travaram-se lutas de todas as espécies no sentido de se encontrar uma plataforma que uniria para já a massa estudantil ou juvenil que então andava dividida, afim de em conjunto seleccionar e resolver os problemas da nossa terra. Essas lutas foram encetadas tanto pelos jovens do interior do País, como pelos espalhados pelo estrangeiro. Há que louvar porém o grande esforço nesse sentido levado pelos camaradas que na altura se encontravam nas regiões limítrofes do nosso País. Esses não só se entregaram à causa moralmente como também fisicamente.

Assim nasce uma grande corrente de agitação que leva muitos jovens a reunirem-se em Genebra para cuidadosamente encontrarem uma directriz para a solução de algumas questões da nossa luta . E, apesar do fraccionamento já existente , como acima frizei, estes jovens procuraram ultrapassar todo aquele mal-estar e cingiram-se a um caminho comum.

Foi o desentendimento brotado no nosso movimento, com origens meio desconhecidas, e os perigos do fraccionismo , que podiam causar a decadência do MPLA , que acossaram depois o espírito da nossa juventude e o san



gue agitado que corre nas suas veias e impulsionaram um grupo de estudantes a congregar-se em Freiburg, cidade da Alemanha Federal, sempre com fins de se atingir a meta desejada por todos - a satisfação dos desejos do nosso Povo; a homogeneidade das sugestões que daí surgem passam a ser então um baluarte que derrotaria o nosso inimigo e seus agentes. Tal foi também o espírito eminente de Genebra.

Toda a conjuntura dos problemas vistos pela juventude angolana estava dentro do seu espírito verdadeiro em prole da luta sagrada que a Pátria trava contra o usurpador português. Se muitos dos seus esforços foram baldados, isso explica-se simples e unicamente pelos factores seguintes:

a) Um desconhecimento quasi total das razões que davam lugar a todas essas malquerenças (no caso do nosso movimento, mais complexo ainda) devido a uma escassa rede de informação, reinando assim a desconfiança duns para com os outros ou do Movimento para com os estudantes;

b) Ou então informações banais, dadas mesmo por agentes incógnitos, na maioria das vezes paradoxais, conduzindo assim a massa focada ao pânico.

c) Ou ainda porque os problemas em questão eram de fundo e delicadíssimos, e os jovens, acarretados apenas, digamos, por um amor pátrio e talvez muito mais sentimentalistas, só se interessavam pelas coisas superficiais e daí tomavam o ponto de partida - o ponto de acção, mas uma acção sincera embora acompanhada por fracassos motivados por inexperiência. Mas o amor à sua Pátria dominava como até hoje. Sim, os problemas de fundo nunca poderiam chegar ao alcance destes, porque competiam mais aos dirigentes... Talvez daí resultasse a fraqueza das infatigáveis resoluções dessa mesma juventude.

Com isto em vista queria sugerir aos camaradas do Movimento o seguinte:

1 - Que haja uma vasta rede de informação aos estudantes no estrangeiro, sobre as actividades do Movimento.

2 - Uma elucidação bem completa no sentido de como esta juventude pode agir em contributo da Revolução, tendo em vista os problemas de fundo do Movimento.

3 - Esclarecimento mais adequado da estrutura do actual corpo dirigente do movimento, sobretudo no que respeita ao sigilo sobre o mesmo corpo ou corpos, facto que tem sido até aqui um caso complexo para os estudantes.

4 - Uma aplicação concreta e sincera de esforços no sentido de alargar cada vez mais as relações humanas entre os membros do Movimento e sobretudo das instâncias superiores para com as inferiores, segundo a hierarquia do Movimento, ou daquelas à massa global do Movimento, porque tais relações inspiram o verdadeiro espírito da revolução.

5 - Manter com todo o rigor a disciplina no Movimento e sancionar todos os casos de indisciplina.

6 - No que respeita à boa actividade do Movimento, tanto do ponto de vista da acção directa como passiva, deve haver necessidade de mobilizações, que poderão ser temporárias, desde que a luta assim permita, tendo-se sobretudo o cuidado no sentido da preparação de quadros para uma Angola independente, que estará longe de qualquer influência estrangeira, por isso, para que se não prejudique uns e se favoreçam os outros, deve o Movimento velar nisto com toda a precisão possível, partindo já do princípio de que todos deverão gozar das mesmas regalias consoante as suas tendências ou aptidões.

7 - Que o espírito democrático reine cada vez mais e a marcha da luta do povo em causa avançará até quebrar as algemas da colonização galega.

Vitória ou Morte

Simão Mabiala

30 - 9 - 1964

## DICIONÁRIO DE TERMOS POLÍTICOS

BURGUESIA - Burguês é aquele que "possui propriedade".

Burguesia são todos os proprietários tomados em conjunto, que formam uma classe bem definida. Um grande burguês possui uma grande propriedade. Um pequeno burguês possui uma pequena propriedade. A burguesia está principalmente dividida em "grande burguesia" (industriais, financeiros, etc) e em "pequena burguesia" (pequenos artesãos, comerciantes modestos, etc) que estão tão próximos do proletariado no seu nível de vida.

CLASSES - Uma classe é formada por um sector do povo que participa de interesses comuns e que ocupa a mesma posição na sociedade.

Classes são grandes grupos de povo que diferem uns dos outros pelo lugar que ocupam num sistema historicamente definido de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, como resultado, pela extensão e pelo processo como recebem a parte das riquezas que cabem a esses grupos. Classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho de outro, segundo as categorias diferentes que ocupam num sistema de economia social bem definido.

ESTADO - O estado é uma máquina de opressão de uma classe por outra. A História mostra que o "estado" como um órgão especial para controlar violentamente o Povo, apareceu apenas ali onde havia uma divisão da sociedade em classes, isto é, em grupos de pessoas algumas das quais estão permanentemente em posição de se apropriarem do trabalho de outros.

MAQUIS - Forças secretas patrióticas em França, na segunda Grande-Guerra Mundial, contra o Nazifascismo.

PROLETARIADO - A classe trabalhadora industrial. Os trabalhadores que não possuem terra, nem oficina, que trabalham toda a vida para outros, recebendo um salário e que não têm nada para vender senão o seu trabalho, chamam-se proletários.

Transcrito da Revista "ASSAGAI", nº 4

# MARCHA do M.P.L.A.

MPLA, AVANTE ! AVANTE !

## I

COM O POVO heróico e generoso  
No combate pela Independência  
Nossa voz por Angola ecoa  
E faz recuar a tirania

CORO

Decididos, unidos marchamos  
Alto o facho levado aceso  
MPLA, VITÓRIA OU MORTE  
PELO POVO todos ao ataque

## II

Na manhã do 4 de Fevereiro  
Os heróis quebraram as algemas  
P'ra vencer o colonialismo  
E criar uma Angola renovada

CORO

Sob a Bandeira do MPLA  
Nossa luta contra a opressão  
P.A.R. O POVO triunfará  
Nós fazemos a REVOLUÇÃO

## III

Do teu solo ora regenerado  
Pelo sangue mártir dos teus filhos  
Brotará, oh Pátria querida  
Um novo mundo, uma nova vida

CORO

Sob a Bandeira do MPLA  
Nossa luta contra a opressão  
COM AS ARMAS triunfará  
Nós fazemos a REVOLUÇÃO

BOLETIM DO MILITANTE DO MPLA

REDACÇÃO BP 2353

Brazzaville

République du Congo

PREÇO : 2\$50

(ou equivalente)

1384

P. 216-22